

Francisco de Oliveira  
Pascal Thiery  
Raquel Vilaça  
Coordenação

*M*ar  
Greco-Latino

AS ILHAS AFORTUNADAS E O ATLÂNTICO GRECO-ROMANO,  
NA VISÃO DE LEONARDO TORRIANI

José Manuel Azevedo e Silva

Universidade de Coimbra

### 1. Notas preliminares

Para as antigas civilizações mediterrâneas, nomeadamente para o mundo greco-romano, o Atlântico é um mar truncado. Esses povos da Antiguidade Clássica conheciam uma faixa atlântica, marginando a costa europeia e a parte norte da costa africana, navegavam entre a Escandinávia e o Cabo Bojador, entre as *Cassitérides* (Ilhas Britânicas) e as *Fortunatae* (Canárias) numa navegação de costa à vista ou de costa sabidamente próxima, mas não conheciam a contra-costa oceânica a Ocidente. Logo, desconheciam a dimensão do Atlântico (Mapa 1).

É claro que, ao navegarem nas águas do Atlântico Oriental, os mareantes gregos e romanos fixaram no seu espírito e no dos seus povos dois níveis do conhecimento desse mar sem fim: um Atlântico real e um Atlântico imaginário. Vamos tentar captar esse conhecimento dos Antigos e confrontá-lo com o dos Modernos, partindo da visão quinhentista do engenheiro militar italiano, ao serviço de Filipe II, Leonardo Torriani, expressa na sua obra manuscrita *Descrittione et Historia del Regno de l'Isole Canarie gia dette le Fortunatae con il parere delle loro fortificationi (1594)*<sup>(1)</sup>, por nós publicada

---

<sup>(1)</sup> Leonardo Torriani, *Descrittione et Historia del Regno de l'Isole Canarie gia dette le Fortunatae con il parere delle loro fortificationi (1594)*, Edição bilingue (italiano e português), com estudo e tradução do manuscrito italiano de José Manuel Azevedo e Silva, Lisboa, Edições Cosmos, 1999.



Mapa 1 – Mapa-mundo de Ptolomeu (Século II d.C.) e a representação do Mundo Clássico (Foto do Autor)

em edição bilingue (italiano e português), em 1999, que constitui o *Códice 314* da Secção de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Convirá esclarecer que Torriani foi incumbido por Filipe II de reorganizar o sistema defensivo das Canárias, cada vez mais ameaçadas pelos corsários e piratas ingleses e franceses. Aí permaneceu entre 1584 e 1593, e aí trabalhou nos projectos de construção de novas fortificações e na restauração das existentes. Ao mesmo tempo, baseando-se na interpretação dos autores gregos e romanos, recolhendo todo o tipo de informações escritas e orais e apoiando-se na observação directa (revelar-se-á um bom observador), escreveu e deixou-nos a obra já referida, importante fonte documental de natureza histórica, geográfica, cartográfica, arquitectónica, antropológica, artística e linguística. Estamos, sem dúvida, perante um dos últimos humanistas de saber enciclopédico, característico dos grandes homens da Renascença.

## 2. As Ilhas Afortunadas e o Atlântico real

Já habitadas e conhecidas dos antigos, que as consideravam o fim do mundo a ocidente, as ilhas *Makaron* dos gregos ou ilhas *Fortunatae* dos romanos são geralmente identificadas com as modernas Canárias. A real bondade do seu clima e a sua presumível fertilidade, lugar de delícias onde manava o leite e o mel, fizeram destas ilhas um mítico *Paraíso Terreal* e também o *Paraíso Celeste*, os *Campos Elísios* da mitologia clássica, onde iam repousar as almas dos heróis, a partir do momento em que as *Parcas* lhes cortavam o fio da vida.

Começando por questionar se estas ilhas seriam ou não as verdadeiras *Afortunadas*, Torriani invoca as referências que delas fizeram Estácio Seboso, Juba, Plínio, Solino, Pompónio Mela, Ptolomeu, Estrabão, Plutarco e muitos outros, para concluir que eram realmente as *Ilhas Felizes*, embora assinalando certos erros dos antigos<sup>(2)</sup>. Porque nesses primeiros tempos elas eram pouco

---

<sup>(2)</sup> *Ibidem*, pp. 7-10.

frequentadas pelas longínquas gentes greco-romanas, «os ditos escritores, um após outro, seguiram o que a mentirosa fama ditou aos primeiros que sobre elas fabulosamente escreveram»<sup>(3)</sup>. Concretamente, referindo-se à localização que Plínio faz da ilha de Lançarote, diz ser «de abandonar a falsa distância que indica de setecentas e cinquenta milhas de Cádiz para poente, porque não são mais de setecentas e trinta»<sup>(4)</sup>.

Aliás, o nosso autor não só corrige os antigos mas também os modernos, ao esclarecer que aqueles fazem menção de sete ilhas, estes falam de dez, «mas, na verdade, elas são onze, sete habitadas e cinco desertas» (sic). Como vemos, Leonardo Torriani também se enganou nas contas, ao indicar um total de onze em vez de doze ilhas (sete mais cinco). Quer dizer, os antigos identificaram sete ilhas que são as maiores e as habitadas (Lançarote, Forteventura, Grã-Canária, Tenerife, Gomera, Ferro e Palma), os modernos referenciaram mais três pequenas ilhas não habitadas (Aleganza, Santa Clara e Graciosa), Torriani acrescentou mais duas (no texto regista a ilha de Lobos, mas esqueceu-se de indicar uma ilhota que, aliás, assinala no *Mapa do Caranguejo*, com o nome de Roccha del Leste)<sup>(5)</sup>.

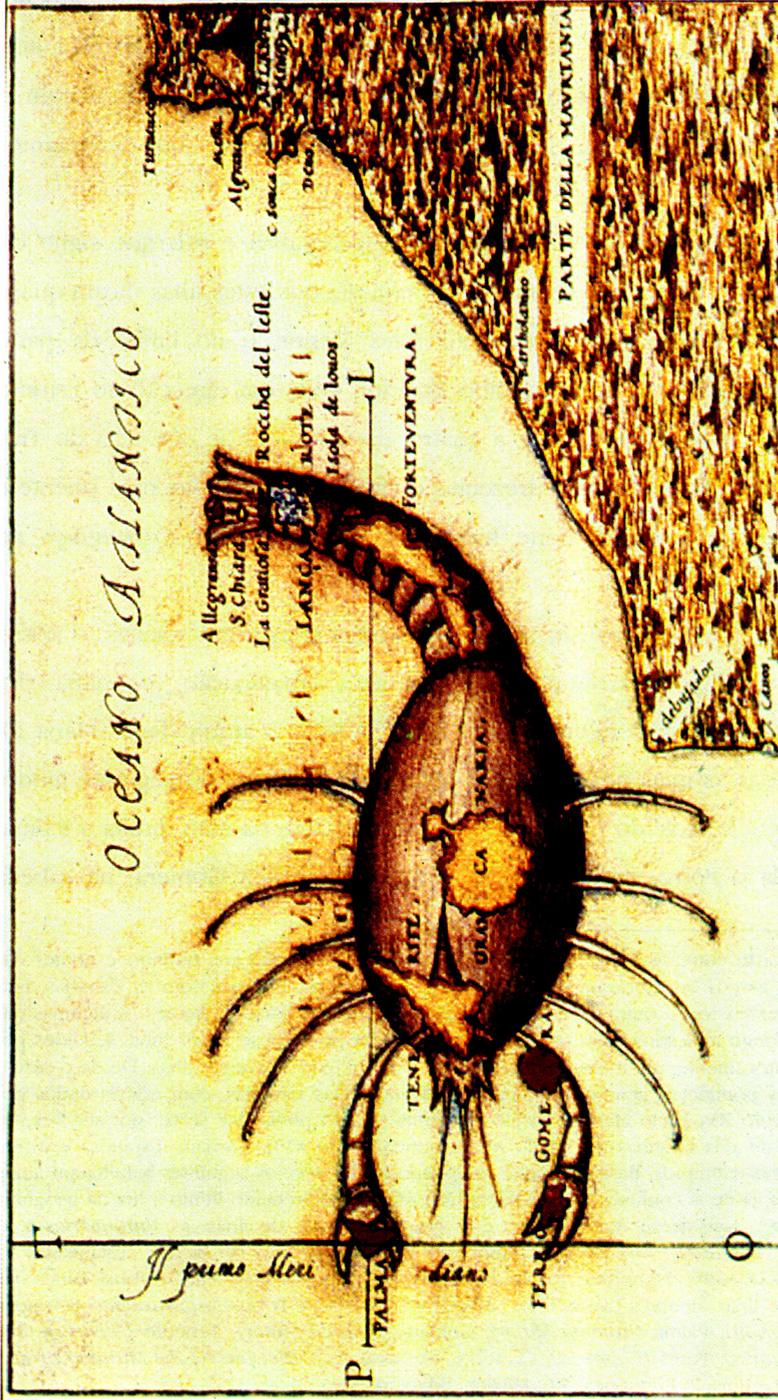
Segundo a interpretação de Torriani, no capítulo que titula «Do número das Canárias e dos seus nomes», Plínio apenas faz menção de seis Afortunadas, identificadas com as actuais Canárias, do seguinte modo: a *Ombrión* (Ferro), a *Junonia Major* (Palma), a *Junonia Minor* (Gomera), a *Capraria* (Forteventura), a *Nivaria* (Tenerife) e a *Canaria* (Grã-Canária)<sup>(6)</sup>.

<sup>(3)</sup> *Ibidem*, pp. 7 e 8.

<sup>(4)</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>(5)</sup> Há evidente lapso de Torriani. Outros autores modernos não estiveram de acordo quanto ao número das ilhas do arquipélago das Canárias. Valentim Fernandes, seguindo o *De prima inventione Guineae*, de Martinho da Boémia, segundo o relato de Diogo Gomes, refere dez ilhas, sete povoadas e três não povoadas, pois não considera a pequena ilha de Lobos (*O Manuscrito Valentim Fernandes, ob. cit.*, pp. 10 e 201-203); João de Barros, por seu turno, aponta doze ilhas, pois refere a ilha Roque, que se deve identificar com a pequena ilhota que Torriani não conta, mas que, aliás, assinala no mapa geral do arquipélago, inserido no cap. V, com o nome de *Roccha del Leste* (João de Barros, *Ásia – Década I*, 6ª edição, actualizada e anotada por Hermâni Cidade e Manuel Múrias, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945, t. I, cap. XII, p. 52.

<sup>(6)</sup> *Ibidem*, pp. 10-12.



Mapa 2 – Mapa do arquipélago das Canárias, sob o signo do Carangueijo, de Leonardo Torriani (Foto do Autor)

Como vemos, na interpretação que Torriani faz de Plínio, fica estranhamente de fora a ilha de Lançarote. Mas esclarece que, ao princípio, o mesmo autor, com a autoridade de Seboso, «coloca a ilha *Capraria* juntamente com a *Pluviaria*, que é a sétima habitada, ou seja, aquela que chamamos Lançarote»<sup>(7)</sup>.

Procurando referenciar a sua localização geográfica e sob que signo do zodíaco estavam colocadas, Leonardo Torriani diz que estas ilhas «ficam quase no meio do terceiro clima, frente ao Atlas Menor, e no limite da parte ocidental da Mauritânia que, do Cabo Bojador, volta em direcção ao Estreito de Hércules, na zona temperada, a quatro graus e meio de distância do Trópico de Câncer. Estendendo-se trezentas e vinte e cinco milhas para poente e cento e setenta de sul para norte, formam o signo celeste do *Caranguejo*, ao qual estão sujeitas»<sup>(8)</sup>.

Inspirado na influência do signo a que estas ilhas estão sujeitas, o nosso engenheiro militar desenhou, com mestria e imaginação, o mapa das Canárias, sobrepondo a figura do caranguejo a todo o arquipélago (Mapa 2). Inscreve todas as ilhas nesse mapa e descreve o conjunto do seguinte modo: «Este caranguejo, voltado para onde o Sol se põe, tem na mão direita a Palma, na esquerda o Ferro, no cúbito, um tanto deslocada, a Gomera, na cabeça

---

<sup>(7)</sup> Não há acordo entre os historiadores antigos e modernos quanto aos número e nomes das *Makaron* dos gregos ou *Fortunatae* dos latinos, geralmente identificadas com as Canárias, mas podendo ser extensivas a outras ilhas do Atlântico, como a Madeira e os Açores. A algumas das actuais ilhas foram aplicados diversos nomes mencionados por Seboso e por Juba, seguidos por Plínio e, reciprocamente, um mesmo nome pliniano foi atribuído a diversas ilhas. Desde o século XIV, em bulas pontificias, aparecem assinaladas diversas ilhas Canárias, com nomes dados por Plínio. No século XV, Lúcio Marineo Siculo interpreta o texto pliniano e serve, por sua vez, de fonte a cronistas das Canárias do século XVI e princípios do XVII. Torriani, Espinosa e Abreu Galindo são três exemplos. Baseados neles, historiadores dos séculos seguintes baralharam ainda mais os dados, já de si confusos. Juan Alvarez Delgado, reinterpretando Plínio à luz da geografia do arquipélago, considerou recentemente dois grupos distintos de ilhas: as *Purpurarias* e as *Afortunadas*. Procurou, ao mesmo tempo e do modo que se segue, estabelecer a correspondência entre os nomes actuais e os antigos de cada ilha. *Purpurarias*: Lançarote, Forteventura e Ilhas Menores (Santa Clara, Alegranza, Graciosa e Lobos); *Afortunadas*: Selvagem Grande (*Ombrión*), Palma (*Junonia Major*), Gomera (*Junonia Minor*), Tenerife (*Nivaria*), Grã-Canária (*Canaria*), Ferro (*Capraria*). Cf. sobre este assunto o *Diccionario del Mundo Classico*, Dir. do Ver. P.e Ignacio Erradonea, S.I., México, Editorial Labor, 1954.

<sup>(8)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, pp. 23 e 24.

tem Tenerife (que com dois portos e duas pontas quase forma o rosto com os olhos) e no ventre a Grã-Canária; voltando a cauda para setentrão (que quase em arco acompanha a costa de África), tem a longa Forteventura, a ilha de Lobos, Lançarote e, por último, as três menores, Graciosa, Santa Clara e Alegranza<sup>(9)</sup>. Uma vez mais se esqueceu de enumerar a ilhota *Roccha del Leste* que assinala no mapa a leste da Graciosa.

Interpretando os autores antigos, Torriani parece pretender sugerir que as Afortunadas foram colocadas por Deus naquelas coordenadas geográficas para colherem o mais possível os benefícios dos elementos e da conjugação astral. Dedicou todo o capítulo XLII da sua obra, intitulado «Da qualidade e costumes dos canários», a demonstrar que os doze signos do zodíaco têm particular força e domínio sobre toda a terra habitada, bafejando uns espaços e desprotegendo outros.

Os antigos clássicos dividiram o Mundo então conhecido em quatro partes e o signo do zodíaco em quatro triplicidades, fazendo corresponder, pela mesma ordem, cada uma dessas partes a uma triplicidade astral. Ptolomeu, por exemplo, fez essa divisão da Terra pelo cruzamento de duas linhas ortogonais, uma no sentido leste-oeste, na latitude do Mediterrâneo, outra de pólo a pólo, passando pelo Mar Vermelho. Assim, segundo Ptolomeu, «a partir do primeiro meridiano fixo que passa pela mais ocidental destas ilhas, estende-se para levante na distância de 180 graus, passando uma linha pelo Estreito de Gibraltar para levante, equidistante do Equador, e a outra do pólo Ártico ao Antártico, pelo meio do Mar Roxo»<sup>(10)</sup>.

Nessa distribuição quadripartida da Terra, os dois quartos orientais compreendiam a Ásia e os dois ocidentais, um a Europa e o outro a África. O primeiro quarto era o oriental meridional (Ásia do sul), da primeira triplicidade do zodíaco: Carneiro, Leão e Sagitário. O segundo quarto, oposto ao primeiro, era o ocidental setentrional (a Europa), da segunda triplicidade:

<sup>(9)</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>(10)</sup> *Ibidem*, pp. 112 e 113.

Touro, Virgem e Capricórnio. O terceiro quarto era o oriental setentrional (Ásia do norte), da terceira triplicidade: Gémeos, Balança e Aquário. O último, o ocidental meridional (a África e as *Fortunatae*), da quarta triplicidade: Caranguejo, Escorpião e Peixes. Acrescenta que do signo de Caranguejo é senhora a Lua, de Escorpião Marte, e de Peixes Júpiter<sup>(11)</sup>. Portanto, as Canárias estão sob o domínio da quarta triplicidade, a que corresponde a conjugação da Lua, de Marte e de Júpiter, e sob a influência directa da Lua, porque estão concretamente sob o signo do Caranguejo. E, esclarece o nosso autor, «por a triplicidade do Caranguejo ser feminina, nascem ali muito mais fêmeas que machos e elas têm tal império sobre os homens que bem se pode crer que não é em vão que sobre este zénite passa uma estrela da cabeça de Andrómeda, de segunda grandeza, a qual, segundo os astrólogos, transporta consigo o cesto de Vénus. Tão-pouco fingiram os poetas que ela nasceu da espuma das ondas fecundíssimas deste Oceano, chamado Pai dos Deuses»<sup>(12)</sup>.

Sem deixar de acreditar na influência dos astros sobre a vida dos humanos, Torriani não retira aos homens o exercício da sua vontade, o seu livre arbítrio, a capacidade de tomar decisões. Essa sua convicção é apoiada na autoridade dos antigos, nomeadamente na palavra do príncipe dos astrólogos<sup>(13)</sup>, quando disse, «o sábio dominará os astros». Em suma: o homem pode procurar dominar os astros, mas, por mais que faça, é sempre influenciado por eles, mesmo quando se aplica ao estudo e domínio desses mesmos astros.

Já vimos que as Afortunadas estão sob a influência directa da Lua. Procurando conferir credibilidade ao seu discurso, escreve o nosso autor que os filósofos platónicos afirmam que «todas as coisas que estão debaixo da órbita da Lua têm o governo e disposição do movimento do céu e do calor e da influência das estrelas<sup>(14)</sup>, os quais, seguindo os astrólogos, nos dão a entender

---

<sup>(11)</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>(12)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 115.

<sup>(13)</sup> Referência a Ptolomeu.

<sup>(14)</sup> Esta teoria pertence à física aristotélica e não à platónica.

que as inclinações dos mortais, sejam boas ou más, são primeiramente movidas e alteradas pelas causas celestes e cada um de nós é inclinado àquelas coisas que são da natureza do nosso ascendente e segundo a mistura das virtudes celestes que visam o benigno ou o mau aspecto, deixando a nossa vontade livre, para que possa agarrar-se, apesar das fortes inclinações, àquelas coisas que mais sejam do seu agrado, forçando todas as ditas causas naturais, quer com o vício, quer com a virtude<sup>(15)</sup>.

Como vemos, os homens são livres na acção da sua vontade, mas as suas inclinações não escapam à natureza do seu ascendente nem de serem «movidas e alteradas pelas causas celestes». Embora o arquipélago das Canárias estivesse globalmente sob o signo do Caranguejo, cada uma das suas ilhas tinha influências celestes particulares, incidindo no carácter (vícios e virtudes) e no comportamento dos habitantes. Assim, no dizer de Torriani, os de Lançarote eram ágeis, amorosos e hospitaleiros; os de Forteventura, fortes, fiéis e folgazões; os da Grã-Canária, animosos, prudentes, astutos, ambiciosos e mentirosos; os de Tenerife, ladrões e gentios; os de Gomera, robustos, ágeis, belicosos, pouco atilados, idólatras e melancólicos; os de Ferro, melancólicos (mais do que os das outras ilhas), pacíficos e cobardes; os da Palma, bárbaros, tristes e vis<sup>(16)</sup>. Apesar de considerar que os primitivos habitantes destas ilhas eram bisnetos de Noé, netos de Jafet e filhos de Gomero<sup>(17)</sup>, ao referir-se aos autóctones da Grã-Canária nota a diferença que existia entre estes e os das outras ilhas, «atribuindo-se a variedade e diferença à qualidade do lugar e a outras razões ocultas, segundo Panácio»<sup>(18)</sup>.

Questionando por que é que estas ilhas foram chamadas *Afortunadas*, Torriani assevera, evocando a opinião dos clássicos, que elas foram assim chamadas pelos antigos poetas, historiadores e geógrafos «pela grandíssima fertilidade e abundância de frutos, pela constância do clima, pelos suaves e

<sup>(15)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 112.

<sup>(16)</sup> Ver, para cada ilha, os capítulos que tratam dos habitantes e seus costumes.

<sup>(17)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, pp.18 e 23. Cf. *Génesis*, IX, 18-32.

<sup>(18)</sup> *Ibidem*, p. 71.

húmidos ventos e pela pureza e temperança do ar, das quais Plutarco cria ser tal a humidade que bastava para alimentar suficientemente a todos, sem plantar nem cultivar»<sup>(19)</sup>. Por isso, não é de estranhar que os antigos tenham crido serem ali os verdadeiros Campos Elísios «no fim da Terra então conhecida e na mais calma e tranquila estância». Homero, ao fazer Proteu vaticinar a morte de Agamémnon, pensando que as almas depois da morte dos corpos aqui vinham receber o prémio que em vida mereceram por suas obras, assim disse:

«Mas aos Campos Elísios e ao extremo da Terra  
Os imortais te enviassem onde está o louro Radamanto,  
Onde a vida dos homens é facilima:  
Em tempo algum há neve ou frio e chuva em demasia,  
Mas sempre o sopro do Zéfiro, fortemente sibilante,  
O Oceano envia para refrescar os homens»<sup>(20)</sup>.

O mesmo dirá, por outras palavras, Torcato Tasso, no dizer de Torriani, seu contemporâneo, o segundo Homero, que na Grécia talvez tivesse sido o primeiro. Aludindo àquilo que o príncipe dos poetas cantou e outros escreveram acerca das *Ilhas Afortunadas*, fez falar a Fortuna, do seguinte modo:

«Ali, nunca em vão floresceram as oliveiras,  
E dizia pingar o mel das azinheiras ocas  
E escorrer pelas encostas das suas montanhas os riachos,  
Com águas doces e murmúrio suave:  
E zéfiros e orvalhos os raios estivais  
Retemperavam de tal maneira que nenhum calor vos é pesado;  
E aqui pôs os *Campos Elísios* e as famosas  
Estâncias das bem-aventuradas almas»<sup>(21)</sup>.

Ao contrário das *Gorgónias* das mulheres monstruosas que nelas viviam, das *Purpurárias*, das *Hespérides*, das *Cassitérides* e das *Baleares*, as *Afortuna-*

<sup>(19)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 13.

<sup>(20)</sup> Homero, *Odisseia*, IV, 564-569. Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 14.

<sup>(21)</sup> Torcato Tasso, *Gerusalemme Liberata*, XV, 35-36. Leonardo Torriani, *ob. cit.*, pp. 14 e 15.

das eram bafejadas pela «clemência e favor do Céu»<sup>(22)</sup>. Os ventos suaves, as temperaturas amenas, as cantantes águas dos riachos e o benéfico ar marítimo do Atlântico não deixam dúvidas de que estamos no sexto *Paraíso Terreal*, situado pelos antigos no extremo do Mundo, a ocidente.

A nosso ver, Torriani é, ao mesmo tempo, um mitófago e um mitófano. Se, por um lado, verbera os antigos e se esforça por devorar o mito, quando nos vem dizer que eles, os antigos, «erraram tanto nos seus escritos que posteriormente alguns duvidaram serem estas as Ilhas Felizes», que «os ditos escritores, um após outro, seguiram o que a mentirosa fama ditou aos primeiros que sobre elas fabulosamente escreveram» (cap. I), que, falando do vulcão da ilha da Palma, «destes incêndios terrestres lemos coisas maravilhosas nos escritores antigos, os quais até o cair de Fáeton querem que tenha sido incêndio natural, depois coberto pela antiguidade com fabuloso véu» (cap. LXIX), e ainda que Aristóteles e Alexandre Magno e muitos outros filósofos creram, como os poetas, que a zona tórrida era inabitável, contra a opinião de Avicena e a experiência dos modernos» (cap. IV), revela-se, por outro lado, um alimentador e um fazedor de mitos, de fábulas e de teratologias, ao crer e afirmar que, na ilha do Ferro, «a garoa é uma árvore sagrada que destila água e produz chuva» (cap. LXIV), que beato Maclóvio ressuscitou em Tenerife «um gigante, o qual, baptizado por ele, contou as penas dos pagãos e dos judeus e, pouco depois, voltou a morrer» (cap. LI), que «os canários viveram sem conhecer nem sentir a doença senão aos cento e vinte e cento e quarenta anos» (cap. XXX), que, no ano de 1591, morreram dois homens «um na Canária, chamado Chiuzzon, de cento e quarenta anos, e outro em Lançarote, chamado Camacho, de cento e trinta e sete anos que também deixou dois irmãos, um de cem anos, outro de oitenta que não demonstram metade da idade» (cap. XLI), que Forteventura tem «carneiros de quatro e até de sete cornos como em Lançarote e alguns deles nascem com cinco pernas, das

---

<sup>(22)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 15.

quais uma lhes nasce debaixo da barriga» (cap. XX), que, enfim, «havia entre os fortunateiros «altíssimos gigantes, porque, além da memória que deles se conservou, foi encontrado na gruta de uma montanha um cadáver de 22 pés de comprido» (cap. XXI).

Como vemos, para conferir credibilidade aos seus mitos e às suas fábulas teratológicas, Torriani não se coíbe de invocar a autoridade das provas arqueológicas. Nas suas frequentes digressões pela mitologia clássica e pela astrologia (v. g. cap. XLII), apresenta, por vezes, as teorias dos antigos, mas tem dificuldade em decidir pela aceitação ou pela recusa. Dir-se-ia que o peso da autoridade dos antigos lhe tolhe o raciocínio. Então, como que deixa ao leitor o livre-arbítrio da sua interpretação, ou, noutros casos, prefere refugiar-se na versão bíblica, como é o caso de considerar os habitantes das Canárias «netos de Jafet e filhos de Gomero» (caps. IV e LVIII).

Mesmo quando disserta sobre questões a que pretende conferir carácter científico, como é o caso do vulcanismo, não consegue libertar-se totalmente do peso dos antigos e da explicação mitológica ou sobrenatural. Entre o êxtase e o medo de que se sente possuído ao presenciar a violenta erupção do vulcão da Palma, em 1585, apaixonou-se pelo vulcanismo e esforça-se por procurar a explicação de tais fenómenos telúricos. Dedicou-lhes, inteirinho, o mais longo capítulo do código (cap. LXIX) e trata constantemente o tema noutras partes da obra<sup>(23)</sup>, onde expende a teoria de que não só o fogo, mas também os ventos comprimidos no interior da Terra é que originam os vulcões e outros movimentos telúricos. É ainda notória esta sua paixão ao manifestar o propósito de pretender aprofundar a explicação da etiologia destes fenómenos, quando nos diz que «a causa disto se dirá no Tratado dos Vulcões que nós, se Deus quiser, daremos à luz» (cap. LXIX), sonho que parece não ter conseguido realizar.

Ressalve-se que, quando se trata do domínio da sua formação específica e do exercício da função de engenheiro militar, Torriani abandona completa-

---

<sup>(23)</sup> Nomeadamente os caps. VII, XI, XVIII, XIX e L.

mente a atitude especulativa e a explicação mítica. Vemos isso nos capítulos que dedica ao sistema defensivo das Canárias, aliás, o motivo central da sua estada naquele arquipélago e a razão de ser desta obra. A sua filosofia de defesa militar assenta na forma como devem ser construídas as fortificações, o que vemos nos três pressupostos que enuncia assim: «trataremos de fortificar estas ilhas, tendo em conta o sítio, a força dos inimigos e o número daqueles que as hão-de defender»<sup>(24)</sup>.

Pelo recurso ao método regressivo, isto é, partindo das modernas Canárias para as antigas *Fortunatae*, facilmente se conclui não ter este arquipélago feito realmente parte do império romano e muito menos do mundo helénico, fenício ou cartaginês. Não há marcas linguístico-culturais nem vestígios arqueológicos que atestem a presença da romanização nestas ilhas do Atlântico. Não houve, portanto, uma navegação regular e sistemática das antigas civilizações do Mediterrâneo para os mares deste espaço insular, ao contrário do que se sabe ter acontecido na faixa oceânica a norte das *Colunas de Hércules*, bordejando a costa atlântica da Europa e integrando as Ilhas Britânicas.

Tal significa que houve navegação, comunicação e recolha de informações por parte desses povos da Antiguidade Clássica a respeito destas ilhas, como atestam as referências registadas pelos autores greco-romanos, evocados por Torriani, mas não se processou a sua colonização. Dito de outro modo, navegou-se nestas águas, esta faixa do Atlântico Oriental pode até considerar-se um mar greco-romano, houve conhecimento deste espaço insular, mas não houve interesse na sua integração efectiva.

Como refere Leonardo Torriani, Ptolomeu considerou as Afortunadas e o mar que as envolve o limite do mundo romano a ocidente. Por isso, no seu *mapa do Caranguejo*, faz passar pela ilha da Palma o primeiro meridiano fixo<sup>(25)</sup>, a partir do qual se contavam 180 graus para levante até ao anti-

---

<sup>(24)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, cap. XIV, intitulado «Discurso Geral da Fortificação destas Ilhas», p. 43.

<sup>(25)</sup> Referência à concepção ptolomaica do Mundo, descrita no *Almageste*. A ilha mais ocidental do arquipélago das Canárias é, na realidade, a do Ferro, mas Torriani, fundado em Ptolomeu,

meridiano (Mapa 2). No capítulo em que se refere a esta ilha, diz ser «assim chamada pela abundância de palmas, é a última das Afortunadas a Ocidente, pelo meio da qual passa o primeiro meridiano fixo, com o qual o alexandrino Ptolomeu começou a descrição da Terra»<sup>(26)</sup>. Pela mesma ilha faz passar uma outra linha, perpendicular ao meridiano de referência, assinalando deste modo no mapa os quatro pontos cardeais: o norte, com a letra “T” (Tramontana); o sul com o “O” (Ostro); o este com o “L” (Leste); o oeste com o “P” (Poente).

### 3. As ilhas mítico-lendárias e o Atlântico imaginário

Interpretando informações da tradição egípcia, Platão refere-se, nos diálogos *Critias* e *Timeu*, à Atlântida, ilha enorme que se terá afundado no abismo das águas, e cujos montes, ficando emersos, deixaram o Atlântico povoado de ilhas solitárias e ignotas. Outros defenderam depois que tais ilhas não eram mais que prolongamentos das cadeias de montanhas europeias e africanas. Por exemplo, as ilhas dos Açores seriam o prolongamento da Serra da Estrela e da Serra de Sintra e as da Madeira sê-lo-iam da serra algarvia de Monchique<sup>(27)</sup>. Pela mesma lógica, as Canárias seriam o prolongamento da cadeia do Atlas, epónimo do Atlântico. Outros ainda, sem se libertarem totalmente da explicação mítica dos antigos, interpretaram a origem das ilhas atlânticas como sendo o resultado da actividade vulcânica. É o caso de Leonardo Torriani que explica os vulcões pela força do fogo e dos ventos subterráneos que, se nos continentes formam montes, nos oceanos fazem emergir ilhas<sup>(28)</sup>.

---

pensava ser a Palma, pela qual faz passar o primeiro meridiano fixo no seu *mapa do Caranguejo*. Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 113. Cf. com os caps. II, XI e LXVI.

<sup>(26)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 173.

<sup>(27)</sup> Álvaro Rodrigues de Azevedo, n. IV ao Livro II de *Saudades da Terra (c.1590)*, de Gaspar Frutuoso, Funchal, Typographia Funchalense, 1873, p. 340.

<sup>(28)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, caps. XVIII e LXIX.

No *Timeu*, Platão diz que, nos tempos primordiais, o Atlântico era navegável e que depois se tornou intransponível devido a catástrofes telúricas regeneradoras. Então, a Europa e a Ásia estavam ameaçadas por uma «força poderosa» vinda do Ocidente, identificada como sendo a Atlântida, antes de ser engolida pelo Oceano<sup>(29)</sup>. A dado passo dessa obra, diz Platão: «havia uma ilha situada em frente dos estreitos a que chamam as Colunas de Hércules; a ilha era maior do que a Líbia e a Ásia juntas e proporcionava acesso a outras ilhas, através das quais se podia chegar ao continente oposto que circunda o verdadeiro oceano; pois o que se encontra entre os estreitos não passa de um porto com uma entrada estreita, mas aquele outro é o verdadeiro mar, e a terra que o circunda pode ser na verdade designada como continente». E continua o autor: «nesta ilha da Atlântida existiu um grande e maravilhoso império que dominava toda a ilha e diversas outras, bem como partes do continente, e imperavam ainda sobre as partes da Líbia situadas entre os estreitos até ao Egípto, e na Europa o seu poderio estendia-se até à Tirrénia»<sup>(30)</sup>. Para punir a ambição e a arrogância dos Atlantes, Zeus soltou a ira dos elementos e a Atlântida foi destruída por «violentos terremotos e inundações e num único dia e noite todos os guerreiros foram tragados pela terra e a ilha da Atlântida desapareceu de forma semelhante e afundou-se nas águas do mar»<sup>(31)</sup>. Depois deste mítico desaparecimento, o Atlântico fechou-se e os ecos do mito irão gerar narrações lendárias que atravessarão os séculos.

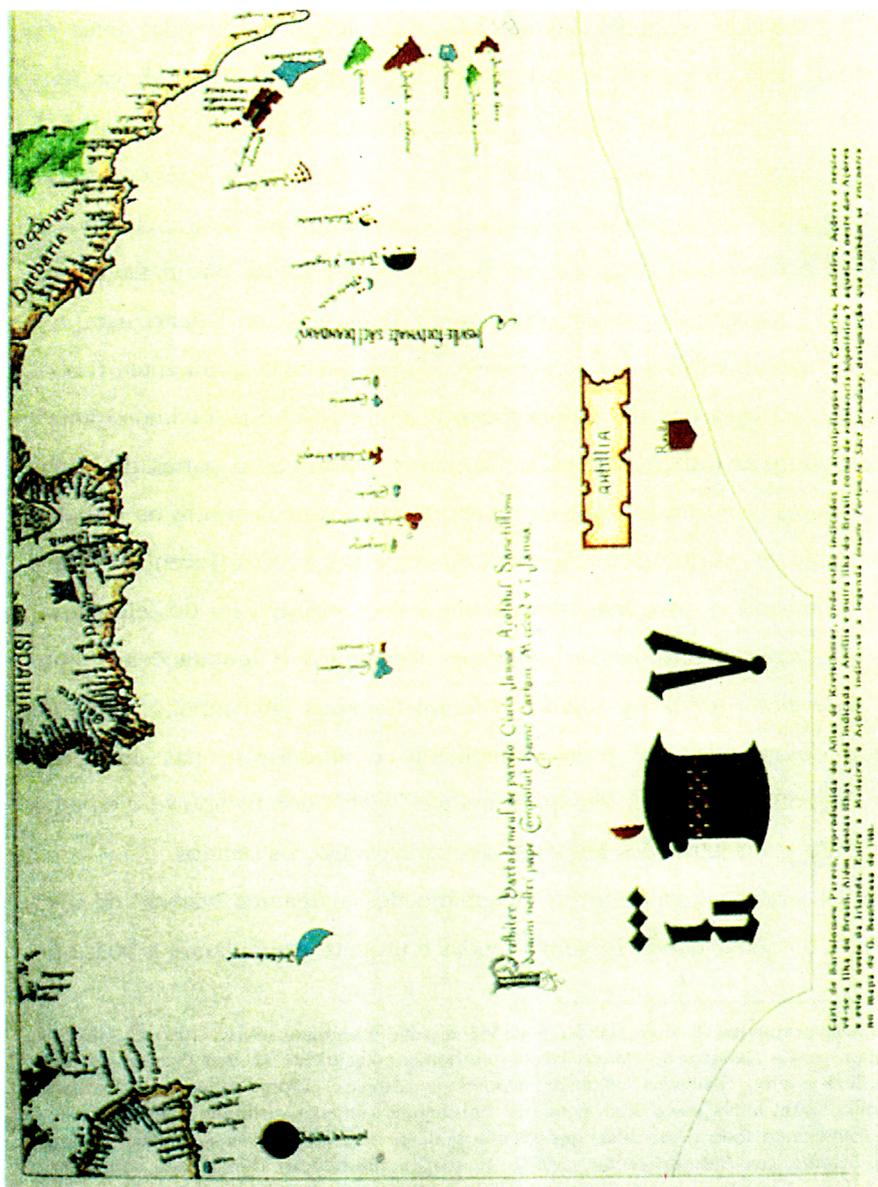
Esta geografia mítica criou no imaginário dos mareantes “visões” de ilhas fantásticas, as quais, dando origem a lendas e utopias, estimularam a busca de

---

<sup>(29)</sup> O cronista português, António Galvão, em 1563, escreve o seguinte sobre o mito da Atlântida: «Diz Platão, em os *Diálogos de Timeu Eclísio*, que houve antigamente no mar Oceano Atlântico grandes ilhas e terras chamadas Atlântidas, maiores que África e Europa, e que os reis daquela terra senhoreavam muita parte desta nossa; e com grande tormenta se fundiu com tudo o que tinha, e ficou tanto lodo e cascalho, que se não pôde por ali navegar muito tempo». António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos (1563)*, 4ª edição, reprodução diplomática com versão atualizada por César Pegado, com estudo biobibliográfico, anotada e comentada pelo visconde de Lagoa, com a colaboração de Elaine Sanceau 1944), Porto, Livraria Civilização Editora, 1987.

<sup>(30)</sup> L. Sprague De Camp, *Continents Perdidos. A Atlântida na História, na Ciência e na Literatura*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s. d., p. 322.

<sup>(31)</sup> *Ibidem*, p. 323.



Mapa 3 – Mapa de Bartolomeu Pareto (1456), representando ilhas reais e ilhas míticas no Atlântico (Foto do Autor)



tais ilhas que tomaram designações míticas, tais como: ilhas Afortunadas, ilhas Encantadas, ilha de São Brandão, ilha das Sete Cidades, ilha Antília, ilha Brasil, ilha de Satanazes ou ilha de Sayo<sup>(32)</sup>. A cartografia da Alta Idade Média foi fixando a representação destas ilhas imaginárias, mudando-as, por vezes, de nome e de lugar, nomeadamente: a carta pisana (c. 1300), a carta de Dulcert (1339), o portulano de Médicis (1351), o mapa dos irmãos Pizzigani (1362-1367), o atlas catalão (1375), a carta de Macià de Viladestes (1413), a carta de Zuane Pizzigano (1424), a carta veneziana anónima (c. 1430), a carta de Becharius (1435), a carta de Andrea Bianco (1436), a carta de Bartolomeu Pareto (1456), a carta de Fra Mauro (1457), a carta de Grazioso Benincasa (1482)<sup>(33)</sup>. Em muitos dos exemplares da cartografia portuguesa dos séculos XV, XVI e XVII, várias ilhas míticas medievais e por vezes “ilhas novas” continuarão a ser representadas<sup>(34)</sup>.

Quase todas estas ilhas estavam supostamente localizadas na plataforma marítima fronteira à massa continental euro-africana e tempos houve em que se imaginaram implantadas em coordenadas geográficas próximas do que se revelaria ser as ilhas dos arquipélagos das Canárias, da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde. Porém, à medida que estes arquipélagos foram sendo desvendados, no imaginário do europeu tais ilhas míticas continuaram a ser procuradas e vão sendo deslocadas mais para ocidente, lá bem metidas no meio do Oceano Atlântico<sup>(35)</sup>. E alguns dos seus topónimos foram mesmo transferidos para baptizar as terras do Novo Mundo, como são os casos da Antília que serviu para baptizar as Antilhas e da ilha Brasil que passou a dar nome defini-

<sup>(32)</sup> Cf. Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar, séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990, pp. 223-230; Álvaro Rodrigues de Azevedo, in *ob. cit.*, n. IV.

<sup>(33)</sup> Cf. Maria Isabel Rodrigues Ferreira, *Mitos e Utopias na Descoberta e Construção do Mundo Atlântico*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1999, pp.19-30.

<sup>(34)</sup> *Portugaliae Monumenta Cartographica*, 6 vols., organização de Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, Lisboa, Edição monumental no âmbito das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

<sup>(35)</sup> João Martins da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses. Documentos para a sua História*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1971, vol. III, pp. 34, 35, 124, 130, 131, 136-138, 165, 166, 278, 318, 326-329, 331, 332, 552, 553, 609 e 610.

tivo às primitivas Terras da Vera Cruz, relativamente às quais, aliás, se pensava tratar-se de uma grande ilha<sup>(36)</sup>.

Note-se que só com a navegação a vapor, devassando os mares em todas as direcções, se acabou com a busca de tais ilhas míticas, uma vez que a navegação à vela, sulcando rotas bem definidas no Atlântico pelo movimento das elipses circulatorias dos ventos e das correntes marítimas, deixaram vastíssimas massas oceânicas inexploradas e, logo, a possibilidade da criação de condições propícias à construção de tais mitos geográficos.

Isso mesmo nos é dito por Torriani, nos finais do século XVI, no códice por nós estudado, traduzido e publicado, nos seguintes termos: — «Quem duvida que por este grande mar oceano não haja ainda outras ilhas desconhecidas que até agora não foram encontradas, por este mar não ter sido navegado por todas as suas partes? De facto, as navegações que de Espanha, de França e de Inglaterra se fazem para as Índias, somente passam por algumas e determinadas partes, de modo que não podem descobrir todas as ilhas e terras ocultas na solidão das mais inóspitas e secretas partes deste vastíssimo mar, vaticinadas pelo famoso Séneca, na tragédia *Medeia*<sup>(37)</sup>. Aqui temos o peso da mitologia greco-romana a esmagar o espírito brilhante de um renascentista.

Não admira, pois, que se insistisse na busca dessas «ilhas encantadas» que alguns diziam encontrar, mas que os próprios ou outros voltando lá não as achavam. E o mais curioso e estranho é que, tendo as ilhas atlânticas até então descobertas (à excepção de algumas das Canárias) sido encontradas sem homens, alguns viajantes afirmavam existirem nessas ilhas míticas sociedades edénicas, organizadas de forma ideal, à imagem da *Utopia* de Thomas More.

Com base nas informações de tais viajantes, Torriani, no capítulo da referida obra que intitula «*Da Ilha Antília ou de São Brandão que não se*

<sup>(36)</sup> Cf. Vitorino Magalhães Godinho, *ob. cit.*, p. 228.

<sup>(37)</sup> Leonardo Torriani, *ob. cit.*, p. 199.

*encontra*», descreve com presumível rigor a dita ilha, fazendo-a acompanhar, inclusive, de um mapa que ele próprio elaborou, atribuindo-lhe, «segundo as mais dignas observações», o comprimento de 264 milhas e a largura de 93 milhas, estendida no sentido norte sul, entre as latitudes norte de 34 graus e 29 graus e 17 minutos, e localizada pelos 3 graus e 43 minutos oeste do meridiano da Palma, como vimos o primeiro meridiano fixo do mundo greco-romano<sup>(38)</sup>.

Para ilustrar as suas afirmações, Torriani faz referência a várias viagens, realizadas no século XVI, cujos marinheiros terão avistado ou desembarcado na dita ilha «Antília ou de São Brandão».

Assim, no ano de 1525, marinheiros portugueses afirmaram que, indo de Lisboa para a Palma, desembarcaram nesta ilha para consertar o navio, a qual referenciaram a 220 milhas da Palma, na quarta entre o poente e o oes-noroeste. Entusiasmados com esta notícia, os palmenses Fernando Tróia e Fernando Álvares partiram em sua busca, mas, tendo navegado durante alguns dias na direcção que lhes tinha sido indicada, voltaram a casa sem jamais terem avistado tal ilha<sup>(39)</sup>.

No ano de 1550, o português Roque Nunes, com dois filhos seus e com o padre Martinho Aranha, partiram da Palma à descoberta da dita ilha e afirmaram tê-la avistado. Porém, tendo surgido entre o padre e Roque Nunes a questão sobre qual dos dois deveria desembarcar primeiro e não tendo chegado a acordo, regressaram à Palma sem terem concluído os seus objectivos<sup>(40)</sup>.

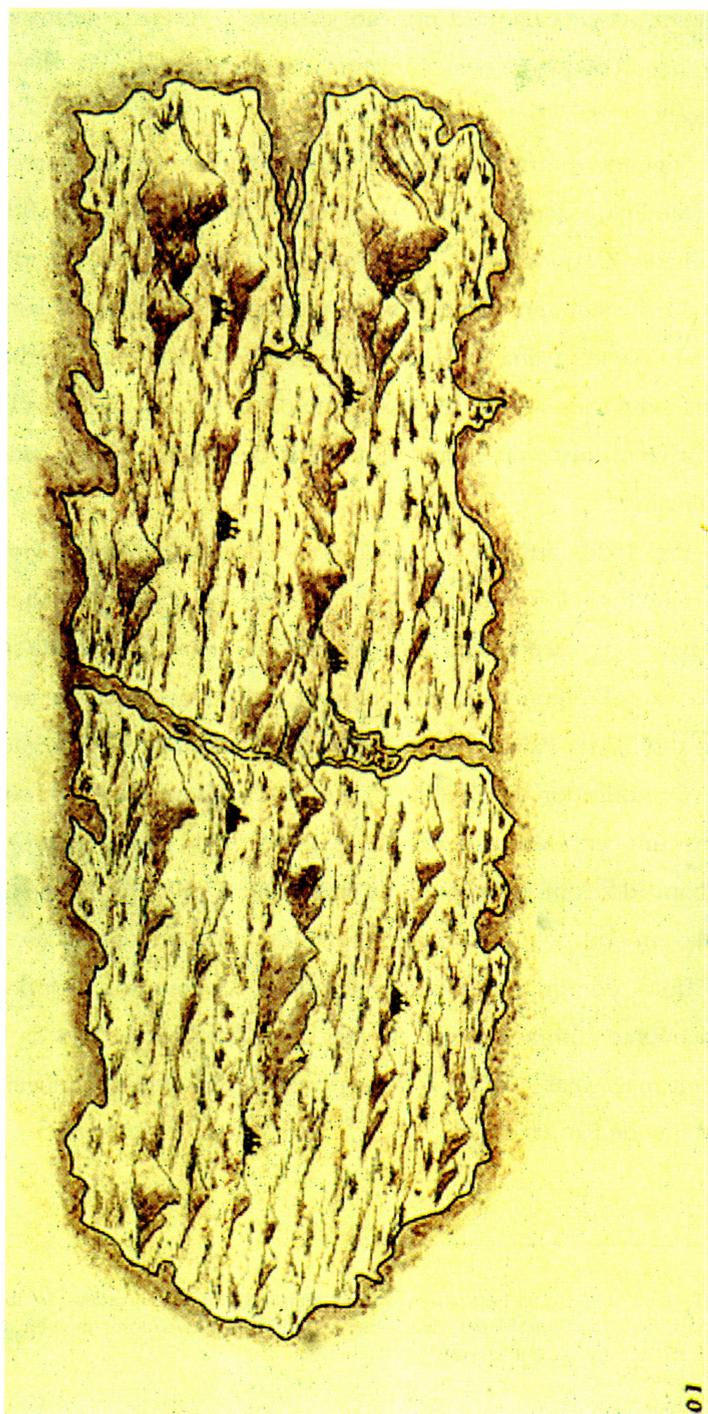
No mesmo ano de 1550, o franciscano Frei Bartolomeu Casanova, ao passar da Palma a Tenerife e estando em frente da Ponta de Teno, afirmou ter avistado a ilha de São Brandão. Se nos restantes casos Torriani não põe em causa a veracidade das informações, neste adverte ser impossível a referida

---

<sup>(38)</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>(39)</sup> *Ibidem*, pp. 201 e 202.

<sup>(40)</sup> *Ibidem*, pp. 202 e 203.



Mapa 5 – A Ilha Antília ou de São Brandão, de Leonardo Torriani, e a persistência do mito da Ilha das Sete Cidades (Foto do Autor)

ilha ser avistada daquela posição, estando à distância de mais de 300 milhas, por ficar encoberta pela curvatura das águas, mas não deixa de registar o facto<sup>(41)</sup>.

Segundo informações que Torriani diz terem-lhe sido prestadas por Pedro de Medina, sacristão-mor da catedral de Canária, um fidalgo espanhol, chamado Zaballos, afirmara ter estado na ilha de São Brandão várias vezes, em 1554 e em anos anteriores, na última das quais nela substituiu os mastros do seu navio. A ilha tinha espessos bosques onde viviam muitíssimas aves de tanta simplicidade que se deixavam apanhar à mão<sup>(42)</sup>. Na grande e belíssima praia viram rasto de gigantes, pedaços de tijolos e pratos vidrados e fumo à distância<sup>(43)</sup>.

Em 1560, arribou à Palma com tempestade um navio francês, cujos marinheiros referiram terem estado nessa ilha, na qual tinham feito o mastro do navio. Acrescentaram terem deixado ali uma cruz grande, juntamente com uma carta e algumas moedas de prata, afirmando igualmente que a dita ilha não distaria da Palma mais que um dia e uma noite de navegação<sup>(44)</sup>.

O inquisidor da Canária, doutor Pedro Ortiz, deu a informação que, em 1569, um certo Marco Verde, de Tenerife, vindo com outros da Berberia, onde tinham ido com o marquês de Lançarote a pilhar mouros, o navio em que viajavam arribou a uma ilha diferente de todas as conhecidas, tendo ancorado na boca de um rio. Durante a noite, o vento que soprava daquele rio, juntamente com a corrente do mar, afastou tanto o navio da terra que a não viram mais, mas ficaram a pensar tratar-se da Antília, conhecida vulgarmente por ilha de São Brandão<sup>(45)</sup>.

---

<sup>(41)</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>(42)</sup> Esclareça-se que as fontes portuguesas registam que, ao chegarem às ilhas da Madeira, dos Açores, de Cabo Verde e de São Tomé, os primeiros povoadores também constataram que as aves se deixavam apanhar à mão.

<sup>(43)</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>(44)</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>(45)</sup> *Ibidem*, pp. 203 e 204.

No ano de 1570, o doutor Fernão Perez de Grado, regente da Real Audiência da Canária, informou que certos marinheiros portugueses disseram terem estado na ilha de São Brandão, na qual viram bois, cabras, ovelhas, rasto de homens grandes e, à distância, grandíssimos fumos. Tendo desembarcado três deles, o navio foi arrastado pela forte corrente do mar. Voltando ali várias vezes e não vendo ilha alguma, consideraram os três companheiros perdidos. Conhecida esta notícia na Palma, Fernando de Vilalobos com mais alguns companheiros foram procurar a misteriosa ilha, mas não conseguiram avistá-la. E, ao narrar este facto, Torriani exclama: — «Peço a Deus não suceda o mesmo a um amigo meu, chamado Galderique Pagés, de Tenerife, o qual pensa ir procurá-la este ano»<sup>(46)</sup>.

Acrescenta ainda Torriani que o inglês John Acles, tio do temível corsário Francis Drake, asseverou em Tenerife ter estado por três vezes na Antília, dizendo tratar-se de uma ilha atravessada por um rio, como a Inglaterra, coberta de espessíssimos bosques, com muitas aves e quadrúpedes. Afirmara que a corrente do mar era ali tão forte que os marinheiros que a encontravam, se não fossem experientes, a perdiam de vista em poucas horas<sup>(47)</sup>.

Estranho e curioso é notar que as personagens que testemunharam terem estado ou visto esta ilha misteriosa, que ora aparecia, ora desaparecia, são pessoas de qualidade e que se apresentam como dignas de fé. O próprio Torriani diz ter conhecido pessoalmente algumas delas.

Outras fontes anteriores e posteriores registaram testemunhos de pessoas igualmente responsáveis que afirmaram terem desembarcado ou avistado esta e outras ilhas no meio do Atlântico. O mito greco-romano da Atlântida desaparecida continua a funcionar<sup>(48)</sup>.

---

<sup>(46)</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>(47)</sup> *Ibidem*, pp. 204 e 205.

<sup>(48)</sup> José Manuel Azevedo e Silva, *A Madeira e a construção do Mundo Atlântico*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995, vol. II, pp. 1037-1040.